
MARCANDO UM NOVO RITMO: A MÚSICA POPULAR CONTEMPORÂNEA NA CULTURA DAS LÍNGUAS PENINSULARES CO-OFICIAIS (S. XX- XXI)

VARSÓVIA (POLÓNIA) 22-23 DE NOVEMBRO DE 2018

INSTITUTO DE ESTUDIOS IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS

DE LA UNIVERSIDAD DE VARSOVIA

CENTRO DE ESTUDOS GALEGOS DE VARSOVIA

ETXEPARE EUSKAL INSTITUTUA

INSTITUT RAMON LLULL

Com este congresso pretendemos aprofundar a forma como os movimentos da música popular contemporânea após la Transición e a Revolução dos Cravos vão marcando a bússola da literatura e a arte nas culturas minoritárias peninsulares às quais os estatutos de autonomia, co-oficialidade da língua ou televisões autonómicas, entre outros fatores, abrem um novo panorama e novas possibilidades. Embora no caso da Terra de Miranda a oficialização da língua tenha sido dada no final do século XX e não é possível apontar a Revolução dos Cravos como a fonte da corrente, nos anos 90 e à frente manifesta-se uma série de fenómenos que permite conectar este território com os demais aqui estudados. Assim, pretendemos focar não só os/as protagonistas desses movimentos, mas também a influência que exerceram nas gerações posteriores e a relevância que adquire a figura do músico/a / - escritor/a.

A pós-modernidade, que foi gradualmente introduzida como uma nova era da Europa de pós-guerra, atingindo a Península Ibérica com um atraso acentuado, supôs uma renovação das formas tradicionais da arte, da cultura, do pensamento e das relações sociais. No entanto, no Estado espanhol, a juventude inconformista e desencantada com a Transición política, uma vítima em meados dos anos 80 do desemprego e da reconversão, rebelou-se contra propostas vazias de conteúdo ou depreciadas pela sua institucionalização, como a Movida madrilenha.

Apelidada em Galiza "movida magrebí", pois como Antón Reixa disse: "con esta da movida, ¿movida? Haiche moito ye-yé ... "

A Galiza, com a sua particular idiossincrasia e grande doses de ironia, criou naquela época o chamado "telón de grelos", que separava esse "desierto magrebí" da chamada Movida Atlântico e o posterior Rock Bravú dos anos 90, cuja peculiar pós-modernidade e uso do próprio idioma causou confusão. Esta foi uma Galiza emergente que surpreendeu o mundo com um renascimento cultural que se aproveitou da televisão autonómica recém-criada e programas infantis como o Xabarín club, tornando-se a banda sonora da próxima geração. Além disso, além da música, podemos associar a esses movimentos nomes próprios de autores/as, como os poetas Lois Pereiro, Xavier Seoane, Xulio Varcarel, etc. no caso de 'altantismo', ou Santiago Jaureguizar, Manuel Rivas, Xurxo Souto, etc., no caso do Bravú. Sem esquecer que o despertar deste último ainda está dando frutos.

Por sua vez, no País Basco, nos finais dos anos 60, foi fundado, com a intenção de renovar e relançar a cultura basca, confinada ao âmbito folclórico durante épocas anteriores, o movimento multidisciplinar vanguardista Ez dok Amairu, no qual a interação dos/das músicos/as desse grupo com artistas e escritores/as deu uma volta ao que então se entendeu como cultura basca. Esta mudança na cultura basca experimentou uma revolução ainda mais radical no início dos anos 80 com o surgimento do *Rock Radical Vasco*: um movimento musical cuja influência moldou o modo de ser e o carácter dos/das autores/as bascos/as da última geração. Junto com os grupos que cantavam punk em castelhano, surgiram os que o cantaram em basco, como Zarama, Hertzainak ou Kortatu o que provou ser de importância essencial para a juventude basca. Consequentemente, o basco visto por estes como um instrumento de incormformismo e luta torna-se pela primeira vez um símbolo de modernidade e rebelião. Hoje, também é notável a influência mútua, quando a cooperação não direta entre músicos/as, escritores/as e artistas que cresceram nesse ambiente que, como pretendia o grupo Ez Dok Amairu, aproxima o mundo da literatura aos/às ouvintes de alguns e o da música aos/às leitores/as dos outros/as.

Na Catalunha, até la Transición capital da produção musical a nível espanhol, a tentativa do grupo Doble Buble de penetrar no mercado musical sob os auspícios de escritores como Quim Monzó não fructificou. Anteriormente, nos anos 60, o cantor Guillem d'Efak combinava música e criação literária, enquanto Josep M. Espinás, co-fundador do grupo de

cantores/as-compositores/as anti-franquistas Els Setze Jutges, triunfou mais tarde como literato. Os anos 80 começaram com os últimos golpes de importante onda de rock psicodélico, experimental e de fusão que dominou a cena de Barcelona na década anterior, com tendência anarquista e / ou catalonista, especialmente no lado folk. Pau Riba, um dos seus maiores expoentes, rebelou-se contra a tradição de *seny* e alta cultura que representava o seu avô, o poeta Carles Riba. Os primórdios dos anos 90 foram marcados pelo surgimento do chamado "Rock català", também nas Ilhas Baleares e no País Valenciano. Este movimento tornou-se uma ferramenta para a expressão cultural dos jovens formados num sistema escolar que já possuía o catalão como a principal língua veicular. Nas últimas décadas surgiram, por um lado, bandas devedoras de pós-modernidade musical e, por outro, têm tido muito sucesso os grupos de estilos ideologicamente connotados como rebeldes e anti-sistema, impregnados de elementos da música tradicional. Finalmente, o músico catalão Lluís Llach e o cantor valenciano Xavi Sarrià estabeleceram nos últimos anos uma carreira literária como narradores.

No caso mirandês, existem algumas peculiaridades que problematizam de uma certa maneira a analogia com os casos galego, catalão e basco. Um dos principais obstáculos é o baixo número de falantes da língua mirandesa, que não determina a escala do fenómeno. Mesmo assim, graças à oficialização da língua, nos anos 90 surgiram grupos musicais e escritores que alcançaram reconhecimento além do público mirandês.

ARTISTAS E PLENÁRIOS/AS CONVIDADOS/AS

María Xosé Silvar Sés

Xavi Sarrià

Asier Serrano

Alberto Fernandes

COMITÉ CIENTÍFICO

António Bárbolo Alves (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Helena González Fernández (Universitat de Barcelona)

Anna Kalewska (Uniwersytet Warszawski)
Roger Martínez Sanmartí (Universitat Oberta de Catalunya)
Cristina Martins (Universidade de Coimbra)
Zofia Marzec (Uniwersytet Warszawski)
Katarzyna Moszczyńska (Uniwersytet Warszawski)
Mari Jose Olaziregi (EHU-UPV)
Llorenç Soldevila (Universitat de Vic)
Dolores Vilavedra (Universidade de Santiago de Compostela)

COMITÉ ORGANIZADOR

PRESIDENTA

Maria Boguszewicz (Uniwersytet Warszawski)

Aitor Arruza Zuazo (Uniwersytet Warszawski)
Michał Belina (Uniwersytet Warszawski)
Magdalena Gajewska (Uniwersytet Warszawski)
Raquel González (Universidad de Oviedo/ Uniwersytet Warszawski)
Ana Garrido González (Uniwersytet Warszawski)
Alfons Gregori (Uniwersytet Adama Mickiewicza w Poznaniu)
Borja Logares Carbajales (Uniwersytet Warszawski)
David Monzó Campos (Uniwersytet Wrocławski)
Mateusz Szczepański (Uniwersytet Warszawski)

COMUNICAÇÕES E PUBLICAÇÃO

As comunicações poderão realizar-se em português, mirandês, galego, castelhano, catalão, basco e inglês e serão de 20 minutos.

As pessoas interessadas em participar no congresso devem preencher o formulário anexo e enviá-lo ao endereço: congreso.musylit@gmail.com antes do dia **31 de agosto de 2018**.

A cota de inscrição de 60 EUROS / 250 PLN tem que ser efetuada antes do 15 de setembro de 2018.

Uma seleção dos artigos derivados do congresso, após prévia avaliação por parte dos/das editores/as, publicar-se-á em *Itinerarios*: <http://itinerarios.uw.edu.pl/>. A data limite de receção de propostas será a 31 de dezembro de 2018.

Para mais informações pode-se consultar o site do congresso <https://congresomusicayliteratura.wordpress.com/>

Todas as perguntas se podem dirigir ao endereço do congresso congreso.musylit@gmail.com



Forulário de inscrição

Nome e apelidos	
Afiliação académica	
Endereço eletrónico	
*Dados de fatura (nome, morada, número de contribuinte da instituição)	
Título da comunicação	
Resumo (200 palavras)	

Palavras-chave	
-----------------------	--